

A vida e a missão da Igreja Metodista na virada do milênio uma tentativa de avaliação

Magali do Nascimento Cunha¹

A igreja é um corpo inserido na sociedade: a ela influencia e por ela é influenciado. A história da igreja sempre tem acompanhado de variadas formas a evolução sociopolítica das sociedades nas quais está inserida e procurado responder às mudanças que se impõem, resistindo, rendendo-se ou engajando-se nelas. Não é possível, portanto, falar especificamente da Igreja Metodista na última década do milênio sem referir-se ao processo vivenciado pela sociedade brasileira.

Outro pressuposto é o contexto das igrejas evangélicas em geral no período. Estudos do Protestantismo Brasileiro apontam para a existência de uma “unanimidade não planejada” que faz parte da história das chamadas igrejas de missão no País. Esta “unanimidade não planejada” seria as similaridades, como que espontâneas, ideológicas, éticas, morais e estéticas percebidas entre as diferentes denominações brasileiras, o que significa que haveria uma divisão do protestantismo na sua estruturação mas uma coesão no “jeito de ser”. Por conta desta “unanimidade” é que os impactos, as crises, as reações nas diferentes denominações também se dariam de forma bastante similar.

Neste sentido, será apresentada inicialmente, uma breve análise do processo experimentado pelas igrejas evangélicas no Brasil, refletido na experiência metodista, e diretamente relacionado com as mudanças vivenciadas pela sociedade brasileira. Na seqüência, serão destacados quatro elementos vinculados ao processo global, que dizem respeito, especificamente, à vida e à missão da Igreja Metodista.

1. O processo das igrejas evangélicas e a Igreja Metodista: metodismo ou evangelicalismo?

Os anos de 1980, para as igrejas evangélicas em geral e para a Igreja Metodista em particular, são marcados pelo crescimento vertiginoso do movimento pentecostal no Brasil. O fenômeno, que passou a ser alvo de muitas investigações no campo pastoral e teológico, chega também às universidades gerando estudos especialmente no campo da sociologia. O pentecostalismo em crescimento é caracterizado pelo surgimento de um sem-número de igrejas autônomas, organizadas em torno de líderes e se opõe ao pentecostalismo clássico ou histórico, como o das Assembléias de Deus, por exemplo. Enquanto o clássico é institucionalizado, baseado em um corpo de doutrinas calcadas no batismo do Espírito Santo, na busca de santificação e na ética restritiva de costumes, o autônomo se baseia nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina. A igreja que mais simboliza este movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus que cresce em número de fiéis e em acumulação de capital e propriedades, tendo chegado a comprar, no final dos anos de 1980, uma Rede de Televisão.

A grande adesão da população empobrecida às igrejas pentecostais autônomas é muito analisada do ponto de vista da manipulação a que esta população está sujeita, por ser pouco esclarecida. Mas o fato é que a adesão é voluntária e representa a busca de alívio às dores desta parcela população que mais sofreu os efeitos da década de 1980, chamada “Perdida”, bem como uma resposta positiva aos grupos que ousaram oferecer uma proposta religiosa alternativa aos sofrimentos.

Esta forte presença pentecostal é sentida na vida do País principalmente de duas formas: um alto investimento em espaços na mídia (compra de rádios, jornais e canais e redes de TV, aumento do número de programas nos canais seculares); presença no Poder Público, destacando-se, por exemplo, a contribuição para o estabelecimento de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional, fornecendo o maior número de deputados. O confronto da Igreja Universal do Reino de Deus com a Igreja Católica e os cultos afro-brasileiros e os escândalos envolvendo acúmulo de patrimônio do Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal, tiveram uma cobertura bastante ampla da imprensa secular, o que popularizou a discussão do crescimento pentecostal.

O crescimento pentecostal tem exercido uma influência decisiva sobre as igrejas históricas, e a Igreja Metodista em particular, inicialmente perplexas diante do fenômeno. Em primeiro lugar, ele toca na ferida que sempre marcou o protestantismo histórico brasileiro – a estagnação e o não crescimento numérico significativo –, provocando como que uma “inveja santa” e uma espécie de motivação para se voltar a perseguir um aumento de fiéis. A influência se concretiza de maneira especial no reforço aos grupos avivalistas, de tendência carismática, que, a partir da similaridade de propostas e posturas com o pentecostalismo, passa a conquistar espaços significativos na vida das igrejas históricas.

¹ Jornalista, membro da Igreja Metodista Filadélfia, redatora do jornal Avante e professora na Faculdade de Teologia do Instituto Metodista Bennett.

Paralelamente, surgem no Brasil com toda a força duas correntes religiosas denominadas “Teologia da Prosperidade” e “Guerra Espiritual”, que conquistam o coração e a mente das igrejas históricas. O sucesso destas formas religiosas estaria certamente garantido pela perfeita integração com a conjuntura da sociedade neoliberal. Numa lógica de exclusão, prega-se que os que almejam ser incluídos poderiam abraçar as promessas de prosperidade material (Vida na Bênção), sendo fiéis a Deus material e espiritualmente. Neste caso, os vencedores da grande competição social por um espaço no sistema seriam os escolhidos de Deus e a acumulação de bens materiais, interpretados como as bênçãos para os “filhos do Rei” (ou “Príncipes”). Na mesma direção, prega-se que é necessário varrer o mal que impede que a sociedade alcance as bênçãos da prosperidade, por isso, os “filhos do Rei” devem invocar todo o poder que lhes é de direito para estabelecer uma guerra contra as “potestades do mal” representadas no Brasil principalmente pela Igreja Católica, os cultos afro-brasileiros e os promotores da Nova Era.

Esta pregação sobre o direito a reinar com Deus e desfrutar das suas riquezas e do seu poder, serve “como uma luva” para levantar a auto-estima dos membros das igrejas tradicionais, inferiorizados pelo crescimento pentecostal e massacrados pelas políticas neoliberais implantadas no País.

Ao mesmo tempo, o comércio (prática do mercado neoliberal que precisa estender-se e estar presente em todos os campos da vida social) detecta um campo quase virgem para sua atuação mas muito promissor diante da conjuntura religiosa: os consumidores evangélicos. É a partir daí que surge o chamado “mercado *gospel*”, que explode primeiramente e principalmente no mercado fonográfico. Se já era grande o número de cantores evangélicos que comercializavam seus discos, com o “empurrãozinho” do mercado neoliberal há uma verdadeira proliferação de cantores agora com uma nova característica: passam a ser profissionais da música com a realização de shows para promover seu trabalho (inclusive em casas de espetáculos populares) e cobrança direta ou indireta de cachês para apresentação em igrejas e eventos vários. Com isso ganham força as rádios evangélicas, em especial as FM's, que buscam público jovem. Soma-se a isto o considerável aumento do número de lojas de artigos *gospel*, até chegar a construção de um shopping *gospel* em São Paulo. Nestas lojas é possível encontrar tudo o que se imagina, marcados por slogans de apelo religioso, versículos bíblicos ou, simplesmente, o nome de Jesus. Importa também destacar que o mercado *gospel* passa a também representar uma fonte alternativa de renda e de trabalho.

A crise experimentada pelas esquerdas perante os novos paradigmas no campo político, é refletida nos grupos minoritários evangélicos defensores da responsabilidade social das igrejas, com participação política e comunitária, e do ecumenismo. As propostas mundiais que ajudavam a dar referências a estes grupos enfrentam o fracasso e torna-se difícil apresentar propostas pastorais alternativas ao novo quadro hegemônico que se configura.

Desta forma, aspectos da ideologia neoliberal encontram-se presentes nas igrejas evangélicas, bem como na Igreja Metodista, por meio das novas correntes religiosas e do mercado *gospel*, e provoca fortes mudanças:

- A eficiência (valor exaltado pelo mercado como resultado da competição, que é um meio de justificar que as desigualdades sociais são aceitáveis) passa a ser um valor para a prática pastoral. No mercado, um trabalho eficiente é aquele que apresenta resultados, isto é, atinge os objetivos de uma empresa com o menor custo possível e contribui para o crescimento econômico e o aumento da riqueza. Na Igreja, um trabalho eficiente passa a ser aquele que apresenta resultados, ou seja, que gere crescimento do número dos membros ou da riqueza da Igreja ou dos membros. Surge a figura do pastor profissional, que se especializa em ministérios específicos, deixando para auxiliares “as coisas menores”, como a visitação ou mesmo o tradicional aperto de mão no final dos cultos. Os resultados deste trabalho pastoral é demonstrado por meio das cifras, dos números e do status social que se alcança. Passam a vigorar os projetos de aquisição de patrimônio, informatização, compra de espaço na mídia.
- A imagem (recurso fortemente explorado pelo mercado por meio das novas tecnologias de comunicação) passa a ser um valor para os momentos de culto nas igrejas, que tornam-se veículo promocional dos discos e dos cantores evangélicos. A liturgia fica reduzida a dois momentos: o louvor e a pregação. O “momento de louvor” passa a seguir um padrão: saem os conjuntos jovens, entram os grupos de louvor, que ao invés de simples animadores dos cânticos, são intérpretes reprodutores dos modelos-cantores assistidos nos shows. A ênfase não é a celebração da fé; há uma apresentação de um programa. Um microfone é pouco; todo um sistema de som precisa ser adquirido para manter o padrão secular estabelecido, bem como um retroprojeto, não importa as condições físicas do templo ou sequer as prioridades da congregação. A hinologia é substituída pelas baladas românticas de forte cunho emocionalista e pelo rock pesado ou ritmo sertanejo dos “cânticos de guerra”, que têm espaço de destaque no “momento de louvor”. Os conteúdos privilegiam a exaltação de Deus, a adoração, e a reafirmação de Deus como Rei e como Poder.
- A polarização nas últimas eleições presidenciais no Brasil (Collor vs. Lula, em 1989 e FHC vs. Lula em 1994 e 1998), na forma como foi apresentada, encarnava nitidamente o espírito neoliberal que invadia o País: era a “modernidade” vs. o “atraso”. Ou seja, a proposta de introdução do Brasil na era da globalização, com o custo social que tivesse, era apresentada como superior ao discurso da esquerda

que falava em justiça social, igualdade, distribuição de riquezas. Na Igreja, um mesmo tipo de polarização é introduzida: a “modernidade” é representada pela apresentação dos resultados por meio das cifras, do patrimônio, do número de fiéis, da absorção da “cultura *gospel*”. A contraposição é o “atraso” indicado pelas propostas de trabalho com minorias, com pequenas comunidades despojadas, de valorização das culturas locais.

- Os governos e as empresas neoliberais têm programas sociais para amenizar os efeitos da exclusão social (vide “Comunidade Solidária”, Projeto “C&A”), sem atacar consistentemente e seriamente as causas. Da mesma forma, as igrejas evangélicas históricas e pentecostais investem nos trabalhos sociais, com base na teologia avivalista do “evangelho integral”, difundida em especial pelo movimento evangélico. No entanto, estes projetos sociais se revelam desprovidos de análise crítica em relação ao funcionamento da sociedade e de atuação frente às causas dos efeitos que eles visam atingir. Como consequência, utilizam-se da ação social como mera fonte de evangelismo ou como *marketing* institucional.
- Como resultado de todo este processo, os evangélicos ganham confiança, e passam a sentir que podem ser uma presença expressiva na sociedade. A prova disto é apresentada por meio das estatísticas de crescimento de algumas igrejas, da presença cada vez maior na mídia (TV e rádio, revistas e jornais evangélicos nas bancas, *home pages* na Internet, crescimento do mercado editorial), da atuação dos políticos evangélicos, cada vez em maior número.

Ressaltados os aspectos que considero relevantes no processo experimentado pelo conjunto das igrejas evangélicas nos últimos anos, e que estão fortemente presentes na Igreja Metodista, gostaria de avaliar, a partir deles, quatro elementos que têm marcado a vida e a missão da Igreja Metodista nesta última década do segundo milênio: a reafirmação da identidade, o projeto “dons e ministérios”, o crescimento numérico e a formação bíblico-teológica.

2. Identidade: resgatar ou recriar?

Nunca se falou tanto de identidade na Igreja Metodista. Recentemente foi publicado um estudo pelo Colégio Episcopal intitulado “As marcas básicas da identidade metodista”. A identidade tem sido tema nos vários encontros bem como em diversos artigos do *Expositor Cristão*, com diferentes ênfases, e também no jornal *Avante* da 1ª Região.

Falar de identidade e tentar reafirmá-la é próprio dos momentos de crise, seja individual ou coletiva. Como já referido, as igrejas evangélicas vivem um processo de reformulação de posturas, uma avalanche de influências de novas propostas teológicas e pastorais que certamente mexem com o seu corpo e provoca uma crise de identidade.

Na tentativa de reafirmação da identidade pode-se perceber nitidamente dois grupos que têm a mesma motivação: compreendem a identidade como algo a ser preservado, que pode estar adormecido, esquecido e precisa ser resgatado, trazido à tona. No entanto, divergem quanto aos objetivos do resgate: um grupo quer defender as novas práticas, buscando no passado elementos que as justifiquem; outro grupo deseja condenar as novas práticas e busca nas origens indicativos para isto.

Expositor Cristão, 111 (20), março 1997, p. 20: em defesa do movimento avivalista de tendência carismática, o rev. Odilon Chaves afirma que “o avivamento, no tempo de Wesley, é citado como modelo. Nas raízes da Igreja estão as marcas do genuíno avivamento”. Ele segue o pensamento de defesa das práticas avivalistas apresentando exemplos tomados da experiência de Wesley e de textos bíblicos, balanceando com a idéia do “evangelho integral”.

Rio de Janeiro, 1997: as lideranças da Federação Regional de Homens realizam encontros para estudar o livro “As marcas básicas da identidade metodista” e identificar aquilo que está contrário ao estabelecido por John Wesley nas práticas atuais.

Jornal Avante, 1999: o exemplar do mês de maio, Mês do Metodismo, publica um debate entre um pastora, um pastor e uma leiga, todos com atuação de destaque na região. Os três alertam para situações de crise de identidade em relação às mudanças ocorridas na vida da igreja, em especial, nos anos de 1990.

Diante deste quadro, torna-se necessário um questionamento sobre a motivação da reflexão sobre a identidade: não se deve falar de preservação de identidade e conseqüentemente de resgate de origens – identidade não se preserva; identidade é um processo incessante de construção.

A resposta às perguntas “Quem somos nós?”, “O que queremos?”, “O que desejamos”, representam a forma como as pessoas e os grupos se constituem e as imagens que eles têm do mundo,

isto é , a sua identidade. No entanto, essa forma de constituição não se dá numa origem e se torna algo acabado a ser preservado, pois as perguntas citadas são permanentemente refeitas nas várias etapas da vida da pessoa ou do grupo e certamente as respostas serão transformadas a partir dos novos elementos que passam a integrar a pessoa ou grupo.

A idéia de preservação e resgate de uma identidade acabada, tem origem no pensamento de Platão de que há essências, origens intactas que, ao se refletirem no mundo por meio de cópias, sofrem as degradações impostas pelo tempo. Recordar o passado, as origens é trazer à tona, resgatar o que é autêntico e fica preservado. Esquecer seria o contrário: submeter-se à natureza degradada pelo tempo. Isto significa um fechamento ao novo: o que foi será sempre. O novo pode ser experimentado, mas será sempre degradação.

Uma outra visão, num caminho oposto, é a idéia de identidade como construção e criação. Isso quer dizer: perguntar ao presente o que está emergindo como novo, como criação e que dá nova constituição àquilo que se é, se quer, se deseja, bem como às imagens que se tem do mundo. Significa reler o passado com os olhos num processo de construção: identificando o que foi criado no passado (os traços de identidade que ficam e os que foram abandonados), o que está sendo criado no presente (frente aos desafios da realidade) e somar tudo isto ao projeto futuro (como o que ainda não é que desafia o presente e o passado). Nesta forma de pensar, o tempo não degrada mas ele é positivo pois permite que o novo emergja num movimento constante. Um pensador afirmou que “não existimos para dizer o que é, mas para fazer o que não é” (Castoriadis). Neste sentido, a identidade é o mundo que a pessoa ou o grupo criam constantemente.

O melhor exemplo para a compreensão da identidade como construção é tomarmos nós mesmos. Cada pessoa, por exemplo, recebe dos pais um nome e um sobrenome que vai acompanhá-la para o resto da vida e lhe dão uma marca. “Sou daquela determinada família”. Recebe também uma educação, ensinamentos sobre o modo de ver o mundo e de se comportar perante ele. Num determinado momento da vida, a pessoa passa a trilhar os seus próprios rumos e fazer escolhas. Da sua relação com o mundo, mantém e reformula visões e compreensões recebidas dos pais, abandona outras destas visões e cria novas. Se passa por um casamento uma nova identidade se configura (se tiver filhos ou se enfrentar uma separação, possivelmente outras novas). Tudo isto influi nas suas atitudes, posturas perante o mundo e na forma como a pessoa vai ler o seu passado e projetar o seu futuro. Isto é a identidade individual que amanhã terá outras configurações. Carregamos traços identitários das nossas origens, que nos tornam como somos, mas estes traços são configurados pelo novo que se criou no nosso caminho. É um processo.

O fechamento ao novo, a redução da identidade a um simples recordar do passado, pode fazer emergir crises. Pode significar a não capacidade de um grupo em lidar com as mudanças do presente, que criam novas formas, com um escape para o passado idealizado. Pode também servir a jogos de poder, pois setores em conflito num grupo social podem recorrer a criações passadas, atribuindo-lhes caráter de verdade absoluta, genuína, de autenticidade, mas estão com base naquilo que foi criado no presente.

O que pode ser um indicativo para nós perante esta questão da identidade é:

- temos marcas/traços identitários que vêm da Reforma Protestante e do movimento wesleyano. Muitas destas marcas/traços foram rejeitadas, outras transformadas e outras novas criadas no processo de implantação da Igreja no Brasil via metodismo norte-americano. Ao longo dos anos no Brasil elementos novos vem sendo criados e constituem nossa identidade.
- Isso quer dizer: o metodismo brasileiro é e deve ser um metodismo original, diferente do metodismo da Inglaterra e do metodismo norte-americano, com marcas de identidade adquirida ao longo dos anos, influenciadas pelo processo sociocultural e religioso local. Hoje, há outras marcas que se criam e passam a constituir nossa identidade, nosso jeito de ser, em função dos desafios pastorais. Ao mesmo tempo, há marcas/traços que trazemos que nos devem identificar como metodistas (como marcas de família que os indivíduos trazem: nome, constituição física, tradição, comportamento) e que não podem se perder, caso contrário, carregaremos o título “metodistas” como um falseamento da realidade.
- Cabe-nos identificar os novos elementos do tempo presente e compreendê-los. Ao mesmo tempo, importa-nos identificar as marcas/traços identitários que vêm da tradição e nos constituíram no passado para que nos tornássemos como somos, a fim de que possamos configurá-los a partir do novo que se impõe no presente e projetarmos o nosso futuro. E como Igreja temos um dado peculiar para nos guiar em nossas escolhas, que são uma marca a carregar sempre: os valores do Evangelho.

Por exemplo, a pastoral de resultados, de reforço ao individualismo, ênfase nos números e enfraquecimento da vida comunitária, entra em conflito com uma marca do Metodismo original de Wesley que baseava-se nas comunidades de apoio, nos pequenos grupos de vivência da fé, apoio mútuo e solidariedade, inspirado pela fé primitiva dos cristãos. É necessária, portanto, uma profunda reflexão para compreender a nova marca que se impõe (tanto o que é positivo para ser assegurado, como o que é contrário aos valores do Evangelho) e levar a uma releitura da marca trazida da tradição e a uma atualização dela frente à nova realidade, com vistas ao futuro.

3. Dons e Ministérios: participação ou massificação?

É preciso reconhecer que uma das iniciativas mais ousadas da Igreja Metodista nos últimos anos foi a adoção do sistema de “Dons e Ministérios” para ser a base de sua estruturação e ação pastoral. Este sistema significou abrir mão de uma estrutura pesada de cargos e comissões, mas que era facilmente controlada, para dar espaço a uma experiência de abertura à participação e à decisão das igrejas. Coincidiu com o momento brasileiro de reconstrução da democracia e incentivo à participação popular nas questões nacionais. Este processo reforçou o papel do ministério leigo na vida da Igreja e abriu uma reflexão sobre as necessidades e oportunidades da igreja local, conforme proposta do Plano para Vida e Missão.

A implantação do novo sistema se deu com alguma dificuldade. Todo um trabalho de mudança de mentalidade de leigos e pastores teve que ser enfrentado e após dez anos de experiência, ressaltado o valor e a necessidade de se garantir este processo, alguns pontos críticos merecem destaque para reflexão e busca de alternativas:

- A implantação do sistema coincidiu com o momento de crescimento do pentecostalismo no País, de grande influência sobre a vida das igrejas, conforme já mencionado. Como a doutrina pentecostal é justamente centrada na busca literalista dos dons espirituais a partir de textos do Novo Testamento, alguns desvios da proposta metodista puderam ser notados na vida das igrejas, com a ênfase na criação de ministérios de reforço à práticas avivalistas de tendência carismática como “Oração”, “Coração Aquecido”, “Libertação”, “Intercessão”, “Louvor e Adoração”. Estes seriam os ministérios de maior “íbope”, enquanto os que representam serviços como “Visitação”, “Ação Social”, “Administração”, “Ensino e Capacitação”, “Ornamentação” ou “Arrumação do Templo”, teriam menor adesão dos membros.
- No que diz respeito à Ação Missionária ou Evangelização, o sistema de Dons e Ministérios parece ter reforçado a visão limitada e distorcida que as igrejas carregam de compreender a Evangelização como uma tarefa separada, para a qual se deve ter um dom especial. Esta compreensão privilegia o evangelismo e a expansão missionária como sendo “a” tarefa de Evangelização e “a” Ação Missionária. Por isso é comum vermos a organização de ministérios de “Evangelização”, retirando dos outros ministérios a compreensão de que o fazem também é Evangelização e precisa ser desenvolvido sempre com uma perspectiva de Ação Missionária. Esta visão limitada, aliada à predominância e influência dos ministérios de tendência carismática, passou a dar o tom de uma prática evangelística muito próxima aos modelos pentecostais autônomos no modelo dos cultos e no oferecimento de cura, exorcismo e prosperidade para a população em programações especiais. Daí o uso do lazer *gospel* (shows de cantores evangélicos ou “noites de louvor”) para atrair possíveis novos membros. A decisão do Concílio Geral de 1997 de estabelecer o ministério de ação missionária como um dos quatro ministérios essenciais em todos os níveis da vida da igreja, demonstra esta limitação. Isto procurou ser corrigido pelo Colégio Episcopal que, no ano de 1998 renomeou o ministério como de Expansão Missionária.
- O objetivo de dar mais participação aos leigos(as) da Igreja foi razoavelmente atingido no que diz respeito ao trabalho mas não no que diz respeito ao Poder na Igreja. O sistema dos Dons e Ministérios na prática acabou por reforçar o clericalismo imbuído na Igreja no que se refere ao poder de decisão das questões relevantes no interregno dos Concílios Locais e Regionais. Com isso, pastores(as) e bispos passaram a ser os grandes administradores da Igreja e detentores de muitas das decisões de ordem política. No nível local, houve uma massificação da membresia e perdeu-se o mínimo de representação leiga e societária como era o antigo Conselho Local. No nível nacional, a situação se dá da mesma forma com o Colégio Episcopal, e a crise enfrentada no episcopado e no pastorado metodista só reafirma estas questões. O Concílio Geral de 1997 buscou corrigir esta limitação com a criação das Coordenações Locais, Regionais e Nacional de Ação Missionária, que retiram dos pastores e bispos o total poder decisório. Pode representar um avanço, mas a pedagogia aplicada pelo corpo clerical na composição destas coordenações e o uso que delas vem sendo feito, especialmente no âmbito local, possibilitando o esvaziamento de concílios locais, demonstra que ainda há muito por avançar. Tudo isto levanta a problemática do Poder, da dificuldade de partilhá-lo e de como o sistema de Dons e Ministérios pode avançar propiciando real participação de leigos e clérigos em todos os níveis da vida da Igreja Metodista.

4. Crescimento numérico: avanço ou retrocesso?

Este tem sido um tema muito abordado e motivo de louvor e “orgulho santo” por parte de nossas lideranças. Alguns têm atribuído o crescimento à uma maior consagração da Igreja, o resultado de uma abertura da Igreja ao mover do Espírito. Outros justificam como sendo um resultado do trabalho lento dos Planos Quadrienal, Vida e Missão, que geraram os Dons e Ministérios e Comunidade Missionária e Serviço do Povo, que agora estaria dando frutos.

No entanto, seria necessário olhar a questão pelo viés do que já foi tratado anteriormente, porque práticas que podem ser observadas como promotoras do crescimento numérico pouco correspondem ao proposto pelos documentos da Igreja e não parecem ser fruto somente da consagração dos membros.

Neste processo não pode haver dúvidas de que o crescimento numérico da Igreja tem bases bíblicas, é importante e um sinal de que a Igreja desempenha a tarefa que lhe foi confiada de fazer discípulos e estabelecer uma presença significativa na sociedade. Daí as razões para o seu permanente incentivo.

O crescimento foi sempre perseguido pelas igrejas evangélicas e pela Igreja Metodista, que em 1978 estabeleceu o alvo dos 100 mil membros, só recentemente alcançado. As estatísticas demonstram que o crescimento acelerado se deu nestes anos de 1990. O período é justamente o indicativo necessário para compreender a razão do crescimento. Como já referido, é o momento de inchaço das áreas urbanas, do crescimento pentecostal urbano e da implantação das políticas e da mentalidade neoliberais no País. A experiência parece indicar que as práticas promotoras do crescimento numérico são baseadas no modelo pentecostal bem-sucedido (tipo de cultos, oferecimento de cura, exorcismo e prosperidade) e na competência do trabalho do pastor(a) (peça-chave para o crescimento, como diretor(a) e incentivador(a), desafiado(a) a apresentar números.

Algumas são as conseqüências de um crescimento numérico desenvolvido por meio deste tipo de prática e merecem profundo questionamento com vistas ao futuro:

- Há um valor excessivo no alcance de alvos e de números em detrimento da vivência da fé bíblica e comunitária. Isto tem implicado:
 - a) na concorrência e na classificação de igrejas locais e pastores(as) por quantidade de membros que conseguem arrebanhar. Isso tem implicado, entre outras coisas, na discriminação das pessoas idosas e de meia-idade vocacionadas para o ministério e na manutenção de rol de membros que não correspondem à realidade de participação nas comunidades locais.
 - b) na ampla recepção de membros, a partir de um apelo emocionalista e fraca formação bíblico-doutrinária. Com isto, o Metodismo como doutrina tende a desaparecer face à preponderância do conjunto de doutrinas veiculadas pelos programas evangélicos de rádio, TV e discos, centradas na “Teologia da Prosperidade” e na “Guerra Espiritual”.
- As pessoas têm reduzido sua participação aos momentos de culto. Neles se dá a visibilidade do crescimento numérico. Daí o interesse de muitos dos novos membros em participar apenas dos cultos e não se envolver com outras atividades de capacitação ou serviço. Isto corresponde ao que ocorre no modelo pentecostal autônomo, que está baseado na realização de reuniões públicas e muito pouco de ensino e serviços.

Um exemplo do fraco compromisso dos membros com a vida e missão da Igreja pode ser tomado do resultado da avaliação do período 1992-1996, realizada na 1ª Região. De 104 igrejas, apenas 36 têm mais de 50% de participação dos membros em concílios locais e em 71 igrejas, menos de 50% dos membros são contribuintes regulares ou dizimistas (apenas 26 igrejas têm mais de 80% dos membros contribuindo financeiramente de forma regular). De lá para cá, após o Plano Real, houve avanços nos números mas sem alteração qualitativa deste quadro.

5. Formação bíblico-teológica: forma e conteúdo

A formação dos leigos(as) nas igrejas locais e nas regiões sempre esteve centrada no trabalho da Escola Dominical (ED), com poucas experiências alternativas de cursos de capacitação. Nos últimos anos, a ED enfrentou uma crise muito profunda. Algumas possíveis razões:

- a falta de pedagogia adequada, o despreparo dos professores e a incansável repetição de temas bíblicos e doutrinários desvinculados da necessidade que o cotidiano apresenta aos membros de terem origem a um cansaço que provocou esvaziamento da participação;
- A tentativa, por parte de lideranças nacionais e regionais nos anos de 1980, de levar para a ED uma reflexão de conteúdo politizado, sem a pedagogia necessária e a devida ressonância nas igrejas locais. O resultado não foi positivo, na medida em que o despreparo dos professores era imenso, e estes davam sua própria interpretação sobre os conteúdos propostos, quando não os rejeitavam;
- A teologia dos movimentos avivalistas de tendência carismática que aponta que a ED ou qualquer outra prática educativa eclesial são desnecessárias, pois Deus e as coisas da fé revelam-se na experiência direta com o Espírito Santo.

Uma das experiências mais significativas dos últimos anos foi o Projeto Recriar, que procurou retomar a importância na ED na formação leiga e a necessidade de capacitação das pessoas que se dispõem a realizar este trabalho. O Ministério Regional de Capacitação e Ensino da 1ª Região também tem demonstrado esforços neste sentido.

No entanto, há algumas considerações a serem feitas sobre a ED que devem ser alvo de reflexão com vistas ao futuro:

- Ainda permanece o problema da literatura para as ED. Como atender às necessidades das igrejas locais? Como provocar interesse nos temas que a Igreja considera relevantes? Como produzir material em linguagem acessível? Tentativas têm sido realizadas, mas estas questões permanecem.
- Nossas igrejas estão, como a população brasileira, concentradas nas cidades. Como manter um padrão de ED matutina, estabelecida com base na experiência rural? A forma de ser igreja estava centrada na reunião das famílias que trabalhavam na roça, acordando cedo e pouco se encontravam durante a semana. No domingo, acordavam cedo como de costume e se confraternizavam. Hoje, a lógica urbana é outra: as pessoas trabalham a semana toda, acordando cedo. Ninguém gosta de acordar cedo no final de semana. Pouco tempo se tem nos dias de semana para cuidar da casa, das coisas pessoais e da família e mesmo para se ter lazer. A classe média arruma formas de escapar da cidade e fugir da concentração de pessoas – não quer ver gente. O nosso formato de ED não estaria na contramão da vida cotidiana dos nossos membros?

Indo além da ED, a formação leiga, especialmente de liderança, carece de espaços alternativos. Há poucos cursos de capacitação com conteúdo consistente e atualizado face as necessidades da liderança. Quando cursos desta natureza, de longa ou curta duração, são oferecidos por centros teológicos, os leigos(as) interpretam-nos como trampolins (rápido acesso) para o ministério pastoral, isto é, fazem o curso com a expectativa de assumirem a liderança de uma congregação. Isto está relacionado à mentalidade clericalista da Igreja e pouco valorizadora da formação leiga, por meio da lógica: “se é para ‘investir tempo’ no curso é preciso ter proveito e o proveito é a promoção ao ministério pastoral”. O problema é quando as lideranças regionais reforçam isto e permitem o alcance deste objetivo.

Quanto à formação teológica, pode-se detectar uma crise profunda que não é o alvo desta reflexão. Gostaria de ressaltar apenas um eixo da crise que parece estar na mentalidade e na qualidade dos alunos(as). Muitos dos alunos(as) parecem decidir-se pelo curso de teologia para serem pastores bem sucedidos e eficientes e, na visão deles(as), isto não é ensinado no curso e sim pela experiência. Daí a participação burocrática no curso, com a finalidade apenas de se conseguir a habilitação. O que parece mais grave é que muitos deles(as) já estão ou estiveram à frente de congregações como pastores(as) e querem apenas oficializar uma prática que já possuem. Isto influi diretamente na qualificação dos pastores(as) metodistas, cuja vocação deveria ser repensada como um valor a ser alcançado.

Com estes pontos, procurei dar prioridade para algumas questões que considero urgentes para a reflexão sobre a vida e a missão da Igreja, em especial neste final de milênio. Não abordei a questão da busca da unidade (que está diretamente ligada à problemática da identidade); a crise no governo da Igreja e as tendências do ministério pastoral; a necessidade de fortalecimento do ecumenismo, como marca bíblica básica do Metodismo; a decadência do trabalho com a juventude por meio das Federações de Jovens e Juvenis. No entanto, os pontos tratados aqui, na minha compreensão, ajudam a iluminar a reflexão sobre estes temas, de extrema relevância para o futuro da Igreja Metodista.

Bibliografia

BARBOSA, Ricardo. “A Igreja no mercado e profissionalismo religioso”. *Contexto Pastoral*, 7(36). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, jan-fev, 1997, pp. 6-7.

BARRO, Antônio Carlos. “O que importa é o crescimento. Um breve histórico do movimento de crescimento de igreja”. *Contexto Pastoral*, 5(25). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, mar-abr, 1996, p. 5.

BITTENCOURT FILHO, José. “Pastoral e identidade evangélica”. *Contexto Pastoral*, 8(36). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, jan-fev, 1996, p. 5.

_____. “Mosaico Religioso e Mídia”. *Contexto Pastoral*, 5(28). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, set-out, 1995, pp. 6-7.

_____. “Protestantismo Histórico: crescimento e estagnação”. *Contexto Pastoral*, 5(25). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, mar-abr, 1995, p. 6.

_____. “Movimento carismático: construção invertida da realidade?”. *Contexto Pastoral*, 1(01). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, abr-mai, 1991, p. 5.

BRASIL, Alexandre. “Crescimento pentecostal: um fato!”. *Contexto Pastoral*, 5(25). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, mar-abr, 1995, p. 7.

CAVALCANTI, Robinson. “Neoliberalismo e neomundanismo”. *Contexto Pastoral*, 8(36). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, jan-fev, 1997, p. 8.

CUNHA, Magali do Nascimento. “A Escola Dominical em questão. Reprcvada ou em recuperação?”. *Contexto Pastoral*, 4(19). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, mar-abr, 1994, p. 7.

IGREJA METODISTA - 1ª REGIÃO. *Avaliação do Período Eclesiástico 1992-1996*. Paper, 1997.

INHAUSER, Marcos Roberto. “A Igreja no meio da tempestade”. *Contexto Pastoral*, 6(30). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, jan-fev, 1996, pp.6-7.

LOPES, João Carlos. "Uma experiência carismática na Igreja Metodista". *Contexto Pastoral*, 1(01). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, abr-mai, 1991, p. 8.

PEREZ, Rolando. "A cultura dos meios de comunicação no ritual evangélico". *Contexto Pastoral*, 6(35). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, nov-dez, 1996, p. 11.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. "Pensar o futuro, reforçar a esperança!". *Contexto Pastoral*, 6(35). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, nov-dez, 1996, p. 9.

_____. "A crise das igrejas e o 'princípio protestante'". *Contexto Pastoral*, 4(19). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA-CEBEP, mar-abr, 1994, p. 11.

SUNG, Jung Mo. "Neoliberalismo, eficiência e pastoral". *Contexto Pastoral*, 8(36). Rio de Janeiro-RJ, KOINONIA, jan-fev, 1997, p. 5.